

Política

Polêmica sobre reforma da Previdência afeta mercado de títulos da dívida brasileira **Página C1**

Declarações do presidente do STF fazem dólar ter maior alta em uma semana **Página C1**

Senado Federal

Congresso Senadores aliados ao novo governo têm sido orientados a ir ao plenário para votar no ex-presidente

PMDB indica Renan, mas Sarney ameaça

Marcelo de Moraes
De Brasília

A bancada do PMDB no Senado deve indicar hoje o senador Renan Calheiros (AL) como candidato do partido à presidência da Casa, expondo a divisão interna da legenda. Renan deverá ser candidato único na votação da bancada já que seu adversário na disputa pelo comando da Casa, o senador José Sarney (PMDB-AP), não pretende participar dessa eleição. Apesar disso, a eleição de Renan está seriamente ameaçada. Os senadores aliados do novo governo já têm sido instruídos por dirigentes a irem ao plenário para votar em Sarney. Isso explica a preferência do ex-presidente em se resguardar para a escolha dentro do plenário, num

colégio eleitoral mais amplo e com a expectativa de receber o apoio político do governo petista à sua candidatura avulsa.

Dono da maioria dos votos dos 20 senadores da bancada do PMDB, Renan, o senador alagoano é candidato do grupo que hoje controla politicamente o partido. Mas Sarney tem a preferência de setores expressivos do novo governo, já que apoiou a candidatura presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva ainda no primeiro turno, enquanto Renan e seus aliados se alinharam em torno do senador tucano José Serra (SP).

Para reduzir a resistência do novo governo à escolha do seu nome, Renan e seus aliados passaram a negociar uma espécie de aproximação política com setores do PT. Para interlocutores petistas, Renan disse

que seu grupo político aceita abrir maior espaço dentro da Comissão Executiva do PMDB para abrigar os setores do partido que estão mais próximos de Lula. Aceitam também endossar a chapa da presidência da Câmara, encabeçada pelo petista João Paulo Cunha (SP). Nesse caso, admitem indicar o candidato a vice-presidente da chapa, abrindo mão da primeira-secretaria da Câmara em favor do PFL, como deseja o PT.

Os aliados de Renan admitem também fazer acordo político com o PT para entregar ao partido a primeira secretaria do Senado e a presidência da Comissão de Assuntos Econômicos (CAE). Essas vagas seriam preenchidas pelos senadores Paulo Paim (PT-RS) e Eduardo Suplicy (PT-SP), respectivamente.

Preocupados com os efeitos que a

disputa possa provocar no andamento dos trabalhos do Senado esse ano, os petistas já começam a discutir a melhor estratégia a ser adotada. Apesar da preferência por Sarney, líderes petistas já desconfiam que bancar sua candidatura possa ser muito desgastante. Se Sarney insistir na candidatura avulsa e acabar sendo derrotado por Renan, esse fracasso político seria debitado não apenas na conta do senador mas de todo o novo governo, que o apoiou. Além disso, o governo teria contra si a oposição de parte significativa da bancada do PMDB, que ofereceria maior resistência dentro do Congresso às propostas de interesse do presidente Lula.

Ontem, Sarney admitiu a políticos aliados que não participará da eleição da bancada. Na sexta-feira,

ele reúne o grupo dissidente, na Paraíba, para uma reunião de estratégia de futuro. Hoje, o ex-presidente ainda não tem os votos necessários para controlar a maioria da bancada e não vai se expor à uma derrota pública. Com a ajuda do PT, Sarney planejava ter a hegemonia na bancada em até 15 dias. Mas a decisão dos governistas em marcar a votação para hoje, às 11h, frustrou essa estratégia e garantiu uma situação mais favorável a Renan. "Se esperássemos mais uma semana, Sarney teria mais votos", admite um integrante da cúpula do partido e aliado de Renan.

Independentemente do desfecho, o processo de disputa da presidência do Senado expõe novamente a tradicional divisão interna do PMDB. Depois da crise pro-

vocada pelas investigações da CPI do Orçamento, em 1993/1994, quando foram cassados ou renunciaram alguns dos principais líderes do partido — Ibsen Pinheiro, Genebaldo Corrêa, Manoel Moreira, entre outros —, o partido tinha conseguido se reorganizar em torno do atual núcleo de comando.

Nem mesmo a renúncia do senador Jader Barbalho (PMDB-PA), que comandava esse grupo, tinha sido suficiente para mudar essa situação. Quando Jader caiu, o grupo manteve o controle do partido, indicando Michel Temer (SP) para a presidência do partido e Ramez Tebet (MS) para a presidência do Senado. Dessa vez, porém, o apoio dado pelos rebeldes a Lula reforçou o grupo que era minoritário internamente a abriu a disputa interna pelo poder do PMDB.